



Copyright © by CEFET-MG  
Todos os direitos reservados.

*Coordenação*

Luiz Henrique Oliveira

*Organização*

Letícia Santana Gomes

Samara Mirian Coutinho

*Projeto gráfico, capa e diagramação*

Letícia Santana Gomes

Samara Mirian Coutinho

*Revisão*

Luiz Henrique Oliveira

Isabela Cristina Silva Mesquita

Roberta De Bon Silva Mesquita

*Transcrição da entrevista*

Isabela Cristina Silva Mesquita

Roberta De Bon Silva Mesquita

letícia santana  
samara coutinho  
(orgs.)



**ALEX DAU**

---

A374

Alex Dau / Letícia Santana, Samara Coutinho (orgs.).  
Belo Horizonte: CEFET-MG, LED, 2020

19 p. - (Coleção Palavra editada, v.1).  
ISBN: 978-65-87948-00-3

1. Edição. 2. Editora. 3. Editor. I. Santana, Letícia. II.  
Coutinho, Samara. III. Título.

CDD: 070.5

---

Ficha elaborada pela Biblioteca - Campus I - CEFET-MG  
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga CRB6 - 3261



**palavra editada**

## APRESENTAÇÃO

### “O que ela quer da gente é coragem”

A construção de fontes de pesquisa sobre o campo editorial é assunto relativamente novo no Brasil. Embora tenhamos diversos estudos de fôlego sobre a história do livro e da leitura, as casas editoriais e os sujeitos responsáveis por possibilitar a circulação do objeto livro ainda merecem melhor atenção. Menos ainda há quando se leva em conta a relação editorial entre nosso país e os demais lusófonos.

Temas como as práticas de leitura e seus impactos na realidade, letramentos, memória gráfica, estudos sobre tipologia, estilo, formas do texto, representação e elementos estéticos - só para citarmos alguns de uma infinita lista - parecem predominar nos currículos universitários. Esta tradição centrada no texto é vertente muito válida e produtiva sobretudo no âmbito dos Estudos Literários. O que se coloca aqui é a potência de perceber as multiplicidades do campo. O livro não “nasce pronto”. Há a ideia do criador, a cognição responsável pela articulação do pensamento, a transposição para o papel, os instrumentos de grafia, a revisão dos originais, a ilustração, a preparação, a impressão, a distribuição, a venda, o consumo, a leitura, a difusão, a valorização, as dinâmicas mercadológicas etc. Os estudos do texto, tão centrados da imanência do objeto, parecem se esquecer de que há uma cadeia produtiva imensa - e, repito, tão pouco estudada em nossas universidades -, a qual demanda melhor compreensão. Nenhum autor nasce canônico. Nenhum texto nasce clássico. Fatores múltiplos ajudam no tempo e no espaço a construir o lugar que determinado livro ocupa no campo de que falamos.

Desta maneira, acreditando na necessidade de estudar elementos outros e para além do texto e cientes da precariedade de registros destes elementos é que propomos a criação da Coleção *Palavra Editada*. Nosso objetivo é conferir voz aos produtores do objeto livro, de modo que

eles mesmos possam narrar de dentro suas experiências e trajetórias. Depoimentos e entrevistas situam nosso esforço documental, com total respeito às manifestações de nossos colaboradores.

Se a missão é longa, esperamos ao menos iniciar o debate com a oferta ao leitor de páginas inquietantes e nem sempre apaziguadoras. O debate, a polêmica e a diversidade pautam a coleção que o leitor começa a ter em mãos por meio da LED - Editora-laboratório do Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição do CEFET-MG.

Some-se a tudo isso nosso compromisso em formar nossos discentes para os desafios da prática. Ensino, Pesquisa e Extensão convergem neste trabalho, portanto. Para além do profissional apto a enfrentar as demandas cada vez mais intensas do mercado, a LED suplementa a formação de sujeitos críticos e capazes de interferir na realidade em que atua ou atuará. É como escreveu Guimarães Rosa, em Grande sertão: veredas: “a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”. Movidos pelo mesmo sentimento talhado pelo autor mineiro e pelo entusiasmo que é peculiar à tradição cefetiana, procuraremos deixar o leitor em ótimas e provocantes companhias.

Luiz Henrique Oliveira  
Coordenador da coleção *Palavra Editada*

## PREFÁCIO

Em 2016, em uma das conversas com Maria Mazarello, mentora da Mazza Edições, que já havia publicado alguns autores/as moçambicanos em seu catálogo, comecei a me questionar quais seriam os/as editores/as independentes no país africano. Quem seriam os/as editores/as independentes em Moçambique que buscavam por uma literatura verdadeiramente nacional? Afinal, Moçambique se encontra em um cenário editorial em que os oligopólios portugueses fizeram seu público-alvo em território africano, e a literatura moçambicana, por sua vez, acabou sendo pouco publicada e difundida, tendo em vista inúmeros livros importados que chegam ao país.

Por meio da escritora Madu Costa, conseguimos o primeiro acesso ao universo editorial em Moçambique, com o editor e escritor Alex Dau, cuja maior ambição é de democratizar o acesso aos livros em seu país. Nessa mesma época, ingressei no Mestrado em Estudos de Linguagens do CEFET-MG e como objeto de estudo, escolhi três editores/as independentes em países de língua portuguesa (Brasil, Moçambique e Portugal) para retratar as possíveis projeções de si a partir desse universo editorial e de suas narrativas de vida.

Assim, consegui a primeira entrevista com o editor em novembro de 2016, via Skype, e ali começamos uma profunda rede de solidariedade, em que podíamos encontrar percalços, desafios e conquistas editoriais semelhantes, mas também contrastivas. Anos mais tarde, já em 2019, recebo uma mensagem de Alex Dau, dizendo de sua vinda a Belo Horizonte para o lançamento de seu livro *O galo que não cantou e outras histórias de Moçambique*, publicado pela editora Nandyala. Esse lançamento nos proporcionou o nosso primeiro encontro ao vivo. Em uma manhã de março de 2019, na Livraria de Rua, em Belo Horizonte, ficamos horas, os três – Alex, Letícia e Samara – conversando sobre o universo dos livros, que tanto nos aproxima, mas também nos coloca à prova por inúmeras fragilidades com que nossos países, estruturalmente, nos deixa à deriva.

Depois desse encontro no lançamento, já combinamos uma entrevista dentro de sua agitada agenda na capital. Por coincidência, no dia marcado para o nosso encontro, o encontrei caminhando pelas ruas de BH, precisamente em um dos pontos mais simbólicos: a Praça 7. Era 18h da tarde, e dentro de algumas horas, nos encontraríamos na casa da escritora Madu Costa, local de seu pouso brasileiro.

Chegamos, timidamente, à casa da Madu, que não conseguiu um minuto sequer da presença efetiva de Alex em sua casa. E nós interrompemos um jantar comemorativo em sua casa para a entrevista, mas antes, também entramos nos aperitivos e bebidas e brindamos a união entre colonizados. O resultado dessa entrevista está nestas próximas páginas, em um panorama sem cortes e cheio de afeto por Moçambique e seu universo livreiro.

*As organizadoras*

## ENTREVISTA

Letícia Santana: Gostaria que você falasse de sua formação.

**Alex Dau:** O meu percurso como editor começou por ser autor. O conflito que eu tinha com as editoras por causa de direitos autorais fez com que eu pesquisasse e descobrisse uma plataforma para poder editar os livros. Isso fez com que eu buscasse gráficas, primeiro em Moçambique. Aí, eu descobri que as gráficas de Moçambique cobram um valor muito alto. Então, tivemos que procurar gráficas da África do Sul, que é um país vizinho de Moçambique. Nós descobrimos que eles tinham um bom preço. A partir daí começamos a trabalhar com a África do Sul. Então, o processo da minha formação como editor vai ocorrendo à medida que eu vou enfrentando os desafios. Nenhuma formação é precisa; à medida que encontramos uma dificuldade, aprendemos e ultrapassamos os obstáculos.

Letícia Santana: Atualmente, em Moçambique, você trabalha como editor e videomaker, não é?

**Alex Dau:** Sim, eu trabalho como editor e videomaker, mas a minha principal atividade é técnico de informática. Então, o editor ocorre porque realmente existem dificuldades de edição de livro em Moçambique. Quando eu descobri como solucionar o problema de edição dos meus livros, passei a ajudar outras pessoas que precisam de ter seus livros.

Letícia Santana: O que é a Oleba? Quando ela foi fundada?

**Alex Dau:** A Oleba é uma editora muito jovem, foi fundada em 2015. A Oleba significa em echuabo “escrever”. É a língua falada em Quelimane, na Zambézia, minha terra natal. Então, achei por bem ressaltar essa importância da minha origem. E esse nome virou uma marca. As pessoas

ouvem falar da Oleba, dos trabalhos que a gente faz, que, por coincidência, são trabalhos de muito boa qualidade e a preços muito acessíveis. Existe muita demanda de nossos serviços e eu não tenho condições, por exemplo, de satisfazer essa demanda.

**Letícia Santana:** Então, essa realidade do mercado permanece nos dias de hoje?

**Alex Dau:** Quando você diz realidade, você se refere a quê?

**Letícia Santana:** de mercado... você tem pontos de venda físicos? Tem vontade de fazer uma venda on line?

**Alex Dau:** A filosofia de venda e distribuição da Oleba é completamente diferente das outras editoras. O que acontece é que o autor vem pedir uma cotação, orçamento à Oleba. Este autor busca recursos e compara o nosso orçamento com o das outras editoras e vê que realmente vale a pena trabalhar com a Oleba, porque o preço é muito simbólico. Nós procedemos a elaboração de todo o projeto, desde o projeto gráfico até a impressão e nós entregamos todo o livro ao autor, porque ele pagou pelo livro. Isso constitui um atrativo para a editora porque os autores sentem que pagaram para ter o livro deles, diferentemente do meu desafio ou da cumplicidade que eu tive com as outras editoras. Eu ia buscar patrocínio, eles faziam o livro e, por fim, eu tinha dificuldade, por exemplo, de receber direitos autorais. Quando o autor sabe que pode receber os livros dele, fazer a divulgação e a venda, isso constitui um estímulo, porque, com as outras editoras, você pode buscar financiamento (ou não) e eles prometem distribuir o livro e fazer lançamento e isso não acontece. Então, o que eu faço depois da entrega do livro ao autor é ajudar na divulgação.

**Letícia Santana:** Você tinha afirmado, em 2016, que Moçambique era dependente do ISBN de Portugal. Até hoje continua assim?<sup>1</sup>

**Alex Dau:** Sim, é verdade. Eu averigui o assunto do ISBN e Moçambique realmente cocriou de Portugal, porque a filosofia de atribuição do ISBN é que você tem que ter um certo número de tiragens ao longo do ano. Moçambique não consegue ter essa tiragem e aí os detentores do ISBN atribuíram a Portugal para nos ceder o ISBN. Aliás, a Oleba foi uma das poucas editoras novas que começou a introduzir ISBN e isso constituiu um atrativo, pois o autor sabe que nós temos ISBN e as outras editoras não tinham ou não têm ISBN.

**Letícia Santana:** Alex, onde funciona a Oleba?

**Alex Dau:** A Oleba funciona praticamente na minha casa e, para divulgar os trabalhos, nós criamos um website<sup>2</sup>. É muito básico, tem os contatos e as pessoas costumam solicitar, a partir do endereço que está no website, serviços, pedidos de cotação, etc..

**Letícia Santana:** Quando você se refere a nós, quem são esses colaboradores?

**Alex Dau:** Os colaboradores, geralmente, são designers gráficos que querem trabalhar conosco, mas nós solicitamos que eles apresentem um orçamento muito baixo, porque os autores que recorrem à Oleba não têm muito poder financeiro.

<sup>1</sup> Letícia Santana refere-se a uma entrevista concedida a ela, no ano de 2016, por Alex Dau.

<sup>2</sup> <<https://olebaeditores-mz.com>>

Letícia Santana: Como que é feita a escolha das produções? Qualquer autor pode publicar? Ou é feita uma seleção das obras? O que vocês escolhem para o catálogo?

**Alex Dau:** Nós não ditamos uma regra, dizendo: só pode editar na Oleba quem tem esta ou aquela qualidade. Nós, agora, estamos procurando divulgar os trabalhos de novos autores. Nós solicitamos ao novo autor que ele vá buscar um parecer de alguém especializado em literatura para saber se ele pode avançar. Muitas vezes, a gente não tem que fazer a revisão, porque esse autor busca alguém para fazer a revisão do livro, porque, se nós recorrermos a alguém para fazer a revisão, vamos ter que pagar e aí encarece o projeto.

Letícia Santana: Você recebeu algum patrocínio ao longo da sua trajetória?

**Alex Dau:** Eu, como autor, em duas edições que eu fiz dos meus livros, fui buscar patrocínio, mas patrocínio que a própria Oleba geriu para fazer todo o projeto gráfico do livro, incluindo o lançamento.

Letícia Santana: O que a casa editorial considera no momento de selecionar autores e títulos? Como vocês avaliam os originais e os autores?

**Alex Dau:** Muitas das vezes, quem nos procuram são os autores, por coincidência, a maioria dos autores que nos procuram são do centro de Moçambique, onde há muita dificuldade para publicar livros. Não existem editoras nesses lugares e nem livraria. E, por coincidência, esses indivíduos que vivem no centro de Moçambique nos procuram porque já editamos obras de autores desses lugares. Então, eles olham para a qualidade e optam por trabalhar conosco.

Letícia Santana: Que relações a Oleba procura estabelecer tanto com os leitores quanto com os autores?

**Alex Dau:** É uma relação de familiaridade. Digamos que uma relação de amizade, principalmente de amizade, porque o autor que está, por exemplo, na Zambézia, que é lá para o norte de Moçambique, quando quer lançar um livro dele, em Maputo, a gente cria todas as condições possíveis que estão ao nosso alcance para ele lançar um livro. O que é uma coisa muito rara e difícil: um autor desconhecido que vem do centro-norte de Moçambique poder lançar um livro em Maputo. Como a editora está em Maputo e nós temos contatos lá, a gente consegue criar um ambiente para a divulgação do livro dele em Maputo.

Letícia Santana: E quais seriam esses ambientes de lançamento? Existem muitos espaços em Maputo?

**Alex Dau:** Existem muitos espaços, mas nem sempre esses espaços estão abertos para escritores que são desconhecidos. Então, nós temos que fazer um trabalho de sensibilização com os donos desses lugares para se abrirem para nós fazermos os lançamentos.

Letícia Santana: Você divide o catálogo da Oleba em alguns selos específicos?

**Alex Dau:** Praticamente, o catálogo da Oleba nós temos na internet, no website. A gente não faz um catálogo físico, porque isso tem custos? E, como nós não temos muitos recursos, a gente preferiu mesmo criar um website, mas também com algum sacrifício.

Letícia Santana: A principal dificuldade enfrentada é a de recurso financeiro?

**Alex Dau:** Realmente o recurso financeiro é um grande entrave para o desenvolvimento da editora. Apesar de nós termos recursos baixos, há autores que aparecem com obras bonitas, mas nós não temos recursos para financiar a produção desse livro. Então, queremos encontrar um meio termo para, no futuro, conseguirmos guardar um valor para indicarmos aqueles que têm um valor literário forte.

Letícia Santana: Há muitos leitores em Moçambique?

**Alex Dau:** É difícil responder a essa pergunta, porque, por exemplo, em Maputo, onde eu vivo, tem realmente alguns leitores, mas o trabalho de divulgação é ainda grande para conquistarmos leitores.

Letícia Santana: Você mudaria algo na sua trajetória e na da casa editorial?

**Alex Dau:** Sim, claro! Uma das coisas que penso em mudar seria ter mais colaboradores para ajudar, mas a pensar nessa vertente para não encarecerem o trabalho. Porque o novo autor que trabalha com a Oleba não tem recurso porque não é conhecido... então ele não tem como buscar financiamento. A ideia é nós termos colaboradores que não olhassem para o dinheiro como uma coisa primeira, que olhassem para o valor da literatura. Então, é isso que eu gostaria de mudar na mente dos meus colaboradores.

Letícia Santana: Se for assim pensando por alto, qual gênero é o mais publicado? Poesia? Conto?

**Alex Dau:** Assim, em Moçambique, no meu ponto de vista, o conto tem o maior impacto, porque ele vai ao encontro de muitas realidades e essas realidades, às vezes, coincidem com a realidade de muita gente. A poesia

geralmente é uma coisa muito abstrata, não capta logo o interesse do leitor. Então, acho que o conto está mais próximo de alcançar o leitor.

Letícia Santana: Como é conciliar o Alex autor com o Alex editor?

**Alex Dau:** Eu acho que o Alex autor ajuda muito no trabalho da editora, porque eu posso, por exemplo, dar conselhos para os novos autores como: “eu acho que você deve fazer assim e assim”. Eu acho que ajuda muito.

Samara Coutinho: Oi, Alex. Eu queria te perguntar sobre mercado editorial de Moçambique. Como você vê a presença das livrarias? Quantas livrarias tem? Como você percebe esse mercado? Como é vender livro em Moçambique?

**Alex Dau:** Eu acho que o mercado de livros em Moçambique é muito complexo, porque primeiro o autor trabalha com a editora. A editora, depois de produzir o livro, ela quer vender o livro. Só que esse livro é deixado numa livraria e o processo de divulgação é muito fraco. Acontece que o livro fica muito tempo na livraria, os leitores não adquirem o livro porque não sabem da existência desse livro. E o que acontece é que, depois de um tempo, o autor vai à editora pedir seus direitos autorais da venda do livro, mas esse livro não foi vendido. Então, editora simplesmente não tem como pagar o autor e acaba virando um conflito entre o autor e a editora. A distribuição de livro ainda é muito fraca. E aí nasce a responsabilidade do escritor, que é levar o livro para outros lugares, a feiras, por exemplo, lançamentos, sessões de autógrafos, que é onde você consegue realmente distribuir o livro de uma maneira talvez quase involuntária, não programada para tal.

Samara Coutinho: Como são as feiras de que você participa em Moçambique? Lá tem feiras de editores pequenos? Tem feiras de editores grandes? Como funciona?

**Alex Dau:** Antes de partir para a feira, vou ter que explicar algo que tem a ver com as livrarias. Em Maputo, que é a capital, nós temos aproximadamente cinco livrarias que têm visibilidade. E os proprietários dessas livrarias reclamam porque os livros não são comprados. E, tirando Maputo, que tem essas poucas livrarias, em outras cidades de Moçambique não existem livrarias e isto realmente constitui um obstáculo para a distribuição do livro e para todo o comércio que tem a ver com o livro. Para sustentar esse argumento também é válido dizer que nós temos muitas escolas em Moçambique, por exemplo, que não têm uma biblioteca. Se as escolas tivessem biblioteca e houvesse lá um plano, isso também seria uma maneira de o livro chegar ao leitor. Agora, falando das feiras, existem feiras grandes, por exemplo, as organizadas pela prefeitura ou pelos municípios, como a gente chama lá. A maior feira é a Feira do Livro de Maputo. Atualmente, há um esforço do município para organizar essa feira. Outra feira que acontece tem a ver com o Festival de Literatura, onde as editoras, as grandes editoras, vão expor seu livro. Essas são as poucas feiras que existem, mas lá nós temos o Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, que é uma instituição do Estado que tem por missão mesmo levar o livro. Essa instituição consegue, através de um plano do governo, levar o livro para algumas regiões remotas de Moçambique. Nelas, o livro é vendido a preço bonificado. Então, temos algumas feiras que acontecem, umas grandes e outras pequenas.

**Samara Coutinho:** E a venda da sua editora, especificamente? Qual que é a maior forma que vocês têm de vender? De onde vem o maior retorno financeiro? Como você vê a venda de livro?

**Alex Dau:** Na experiência que eu tenho, as vendas bem-sucedidas são aquelas que tem a ver com o lançamento do livro. O lançamento do livro por estar ali a presença do autor e haver uma certa divulgação, ali realmente a venda acontece. Mas há tentativa, por exemplo, de nós levarmos o livro para as livrarias e esse livro fica na livraria esse tempo todo, quer dizer, aquela queixa que as editoras tinham de que o livro não era vendido nas livrarias, nós, das pequenas editoras, a gente consegue perceber isso agora, que a gente está a trabalhar na exibição do livro. O livro fica muito tempo na livraria e não é comprado e aí nós percebemos

que a melhor maneira de vender o livro é a venda direta ou através de lançamentos, de sessões de autógrafos. E esses pequenos festivais.

**Samara Coutinho:** No Brasil, as pequenas editoras têm sido compradas por grandes grupos de mídias. Pequenas editoras foram deixando de existir por um tempo e foram se tornando grandes conglomerados. Em contrapartida, emerge o movimento independente, em que pequenas novas casas editoriais foram surgindo. Em Moçambique teve esse movimento também de editoras serem compradas por outras, de editoras ficarem muito grandes? Tem esse distanciamento das independentes para as grandes editoras?

**Alex Dau:** Existem grandes editoras lá, por exemplo, é o caso da Leya e a Texto Editores, que estão em Maputo. A Texto Editores e a Leya fazem parte de um grupo grande, mas nós temos lá a Andira, que é onde estava Mia Couto. Ele editava seus textos lá, mas também acabou saindo. Criou-se uma editora, que é da Fundação Fernando Leite Couto, uma fundação-editora. A tentativa ou a vontade de criar editoras independentes tem sido grande em Moçambique, porque, realmente, elas vão conseguir colmatar algumas dificuldades que os escritores tinham com essas grandes editoras. Eu percebo que a maioria dos autores moçambicanos, mesmo os mais consagrados, queixavam-se do conflito que existiam com as grandes editoras. Então, dá uma vontade de nós controlarmos o que está a acontecer.

**Samara Coutinho:** E editoras que fazem parte de conglomerados internacionais, que vieram de fora de Moçambique, existem? Há editoras maiores que compraram editoras menores em Moçambique?

**Alex Dau:** Foi o que eu falei da Texto Editores e da LeYa, que, digamos, houve um investimento dessa editora portuguesa. Nós temos editoras que só trabalham com livros escolares. Essas editoras têm um espaço no mercado, porque elas entram em concursos, ganham para fazer o livro

escolar. Então, a visibilidade ou a sustentabilidade dessa editora que trabalha com livro escolar é grande. Elas conseguem ganhar dinheiro, ganham lucro. Então, se o indivíduo trabalha só com livro literário, não consegue realmente, digamos, sustentar todos os encargos que tu tens como editor.

**Samara Coutinho:** Era essa pergunta final que eu queria te fazer: se você vê uma perspectiva de se autossustentar?

**Alex Dau:** Existe um projeto novo, ainda não muito bem divulgado, que é o orçamento buscado através de uma instituição, uma ONG. Trata-se de buscar dinheiro para divulgar literatura moçambicana, mas apostando em editoras independentes, que realmente mostrem algum trabalho. Porque, como eu disse, existem editoras que trabalham com livro escolar, essas têm mais estabilidade. Elas ganham, por exemplo, um concurso para fazer livros para uma determinada classe e elas conseguem resolver seus assuntos e seus recados, enquanto que para um independente já é mais complicado.

**Samara Coutinho:** O que você vê de igual e de diferente em relação ao mercado editorial do Brasil e Moçambique?

**Alex Dau:** Eu acho que há um empoderamento de algumas editoras do Brasil em querer levar a literatura de afro-brasileiros ou de africanos aqui para o mercado brasileiro como um grande desafio. A minha vinda para cá está enquadrada nisso, que é divulgar a literatura moçambicana e da África aqui no Brasil. Existem plataformas que nós podemos copiar, que é, por exemplo, um modelo de lançamentos, mais informal, onde as pessoas têm facilidade em estar lá. Não estamos em um ambiente formal, onde as pessoas estão só sentadas, por exemplo. Aí, um fala, outro fala, depois há a hora de comprar o livro para fazer autógrafo. Acho que esses modelos podem servir bem para Moçambique. Estávamos a ver, por exemplo, o lançamento que se fez na Livraria da Rua. Havia um grupo a tocar jazz, por exemplo. Isso são ferramentas que ajudam a capturar o leitor, então nós podemos adotar isso também. Agora, como funciona o

mercado editorial brasileiro, ainda não percebi. Outra ferramenta é levar o autor para as escolas e universidades. Isso serve também para você vender o livro, então isso serve também para Moçambique, que eu penso em adotar.

**Samara Coutinho:** Ótimo! Então é isso!

**Alex Dau:** ok, obrigado.

**LED - Editora-laboratório do Bacharelado em Letras  
Tecnologias de Edição do CEFET-MG**

***Comissão editorial***

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

***Conselho editorial***

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

***Coordenador do Curso de Letras***

Luiz Henrique Silva de Oliveira

***Vice-coordenador***

José de Souza Muniz Jr

***Secretária***

Laís Cristina da Matta